

*João o Amigo
A. Soucasany,
com um desejo
do João Vêze*

CÂNDIDO DA CUNHA *1947*

DEZANOVE anos são volvidos sôbre a morte do elegíaco pintor das horas crepusculares. O paisagista ilustre que durante mais dum quarto de século realizou uma obra de notável perfeição técnica e de invulgar sentimento está quasi esquecido!...

É de inteira justiça lembrar o nome dêsse Artista-poeta que, nos melhores anos da sua existência, sempre soube impor-se com nobreza e galhardia.

Nas exposições que então no Pôrto se realizavam, às quais concorriam os melhores nomes da Arte portuguesa, Cândido da Cunha jamais deixou de marcar inconfundível e primacial lugar.

Por isso mesmo não lhe faltaram os ataques invejosos dos incompetentes que de certo modo, lhe amarguraram a vida talvez para, sem o pensarem, mais elevação darem ao seu talento.

António Cândido da Cunha nasceu em Santa-Maria-Maior da Vila de Barcelos — hoje elevada à categoria de cidade — a 11 de Fevereiro de 1866. Seu pai, José Joaquim da Cunha, o mestre Cunha, como era conhecido, de condição humilde, revelara grandes qualidades para a música e de algum modo para o desenho architectónico. Em Barcelos ainda podem hoje ver-se alguns prédios por êle delineados; e o Estado, reconhecendo-lhe a necessária competência, chegou a confiar-lhe a execução da ponte de Caminhas, em Entre-os-Rios. Estas duas modalidades artísticas bem cedo se instalaram no espírito do pintor ilustre; e se desde criança maior preferência deu ao desenho, de que até ao fim da vida se manteve fiel e apaixonado servidor, colocando-o sempre na base da sua obra honestíssima, também a música que a miúde procurava, lhe deu horas felizes e de superior elevação.

Nos melhores concertos realizados no Pôrto ou rodeado dos seus colegas e amigos literatos, junto duma mesa do antigo «Café Lisbonense», onde em noites inolvidáveis se exibiram distintos músicos estrangeiros e nacionais — era certa a presença de Cândido da Cunha. E se, à semelhança de seu irmão padre, não chegou a distinguir-se como executante, manteve-se, todavia, e tanto quanto lhe foi possível, respeitador das lições que em criança seu pai lhe deu.

Pelos doze anos de idade manifestou o firme desejo de ser pintor. só mais tarde, por volta de 1886, seus pais se decidiram a levá-lo à na dum conhecido pintor-decorador do Pôrto, na intenção de ali o egarem à aprendizagem de trabalhos ornamentais.



*Para o Amigo
Dr. Soucasany,
com um desejo
do João Vitor*

CÂNDIDO DA CUNHA

1947

DEZANOVE anos são volvidos sôbre a morte do elegíaco pintor das horas crepusculares. O paisagista ilustre que durante mais dum quarto de século realizou uma obra de notável perfeição técnica e de invulgar sentimento está quasi esquecido!...

É de inteira justiça lembrar o nome dêsse Artista-poeta que, nos melhores anos da sua existência, sempre soube impor-se com nobreza e galhardia.

Nas exposições que então no Pôrto se realizavam, às quais concorriam os melhores nomes da Arte portuguesa, Cândido da Cunha jamais deixou de marcar inconfundível e primacial lugar.

Por isso mesmo não lhe faltaram os ataques invejosos dos incompetentes que de certo modo, lhe amarguraram a vida talvez para, sem o pensarem, mais elevação darem ao seu talento.

António Cândido da Cunha nasceu em Santa-Maria-Maior da Vila de Barcelos — hoje elevada à categoria de cidade — a 11 de Fevereiro de 1866. Seu pai, José Joaquim da Cunha, o mestre Cunha, como era conhecido, de condição humilde, revelara grandes qualidades para a música e de algum modo para o desenho architectónico. Em Barcelos ainda podem hoje ver-se alguns prédios por êle delineados; e o Estado, reconhecendo-lhe a necessária competência, chegou a confiar-lhe a execução da ponte de Caminhas, em Entre-os-Rios. Estas duas modalidades artísticas bem cedo se instalaram no espírito do pintor ilustre; e se desde criança maior preferência deu ao desenho, de que até ao fim da vida se manteve fiel e apaixonado servidor, colocando-o sempre na base da sua obra honestíssima, também a música que a miúde procurava, lhe deu horas felizes e de superior elevação.

Nos melhores concertos realizados no Pôrto ou rodeado dos seus colegas e amigos literatos, junto duma mesa do antigo «Café Lisbonense», onde em noites inolvidáveis se exibiram distintos músicos estrangeiros e nacionais — era certa a presença de Cândido da Cunha. E se, à semelhança de seu irmão padre, não chegou a distinguir-se como executante, manteve-se, todavia, e tanto quanto lhe foi possível, respeitador das lições que em criança seu pai lhe deu.

Pelos doze anos de idade manifestou o firme desejo de ser pintor. Mas só mais tarde, por volta de 1886, seus pais se decidiram a levá-lo à oficina dum conhecido pintor-decorador do Pôrto, na intenção de ali o entregarem à aprendizagem de trabalhos ornamentais.

O jovem aspirante a artista, que acompanhou seus pais à referida oficina, no momento em que as coisas estavam a combinar-se para uma imediata admissão, cheio de tristeza segredou a sua mãe — que não era aquêle o género de pintura que desejava aprender. Em face de tal attitude resolveram desistir do primeiro intento e procurar um conselho amigo nas únicas pessoas conhecidas que tinham no Pôrto. Foi a decisão e inteligente compreensão duma senhora, muito jovem ainda, por sinal, que deram o verdadeiro e desejado rumo à carreira dentro em pouco iniciada pelo pintor.

A intervenção do desenhador humorista Sebastião Sanhudo, que mantinha estreitas relações com alguns professores da Escola de Belas-Artes, se deve a imediata entrada de Cândido da Cunha na antiga Academia de São Lázaro.

Mal diria aquêle moço ingénuo e tímido que alguns anos depois do seu curso terminado com distinção, havia de receber como espôsa a ilustre senhora que naquele momento instintivamente lhe adivinhara a nítida vocação e lhe ajudara a abrir o caminho da Arte que até aos últimos momentos nobilissimamente serviu.

Cândido da Cunha foi dos mais distintos e dos mais infatigáveis alunos da sua geração na Academia Portuense de Belas-Artes. Foram seus professores em desenho e pintura João Correia e Marques de Oliveira; em architectura Geraldês Sardinha, em escultura António Alves Pinto.

Todo o tempo de que podia dispor o aproveitava nas aulas, chegando a concluir os cursos de pintura e architectura, não sem durante alguns anos ter freqüentado com proveito a cadeira de escultura. Naquele tempo era freqüente os alunos matricularem-se e seguirem os três cursos.

Mestres como Soares dos Reis — para me servir dum grande exemplo — igualmente o fizeram. O que é evidente, o que sobremaneira eleva a personalidade do singular paisagista é a certeza de o podermos colocar entre os grandes do seu tempo, entre aquêles que, para bem servirem a Arte que elegiam, não hesitavam em aprender outras que mais fortemente pudessem contribuir para consolidar seus alicerces. Estas regras sempre foram aproveitadas pelos espíritos nobres que são, afinal, os que vivem em permanente ansiedade de perfeição. Para êles a vida é uma luta constante; o seu mais alto dilema é conquistar a beleza com elevação e saber.

O falecimento de seu pai veio surpreendê-lo em pleno entusiasmo, ao terminar do curso. Mestre Cunha, apesar de inteligente, e grande trabalhador, não conseguiu amealhar o suficiente que permitisse ao filho continuar seus estudos no Pôrto. Valeu-lhe o generoso auxílio do Rei D. Carlos, que da sua bolsa particular o subsidiou. Cândido da Cunha para logo patentear o seu reconhecimento ao real protector que tão sollicitamente lhe acudia, fez o que alguns anos antes havia feito Pousão para D. Carlos, então Príncipe Real: desenhou o retrato do Príncipe D. Luís Filipe que, por intermédio do Governador Civil do Pôrto, Dr. Sousa Viterbo, ofereceu ao Rei. Foi ainda ao monarca e artista que Cândido da Cunha, após a terminação do curso,

ofertou a prova final de pintura «Agar e Ismael no Deserto». Este trabalho, que em 1896 chegou a figurar na Exposição do Grémio Artístico, onde obteve uma 2.^a medalha, esteve a princípio num dos palácios reais de Lisboa, talvez no da Ajuda; mas após a mudança de regime foi levado para o Palácio de Vila-Viçosa onde actualmente se encontra.

Uma tão decidida vocação não podia ficar restringida ao reduzido âmbito artístico portuense. Imediatamente o nome e talentos do novo



CÂNDIDO DA CUNHA (1866-1926)

Desenho por Joaquim Lopes

pintor foram postos em foco, e de tal modo que não se tornou difícil mais uma vez obter de D. Carlos o necessário auxílio para que a Cândido da Cunha fôsse possível completar os seus estudos em Paris. Dessa maneira, ao pintor insigne das horas nostálgicas, subsidiado pelo Ministério das Obras Públicas, foi permitido durante os anos de 1896 a 1898, estudar em França onde superiormente se aperfeiçoou e conquistou honrarias. Foram seus mestres Jean Paul Laurens e Benjamin Constant, não lhe sendo difícil, pouco depois da admissão num dos *ateliers* destes notáveis professores, conquistar as simpatias dos colegas.

Logo no primeiro mês viu com satisfação que um dos seus estudos de modelo vivo havia obtido uma recompensa.

Não deixa de à primeira vista parecer estranho o facto de Cândido da Cunha, que era acima de tudo uma organização de paisagista, se ter aproximado de dois mestres que foram essencialmente pintores de figura. Era, por certo, a legítima e sempre proveitosa exigência de construir sólidamente, estruturalmente, de modo a que, em vez de se tornar fácil e transitório o resultado obtido pelo trabalho, este pudesse atingir aquêle poder de superioridade unicamente concedido às obras eternas.

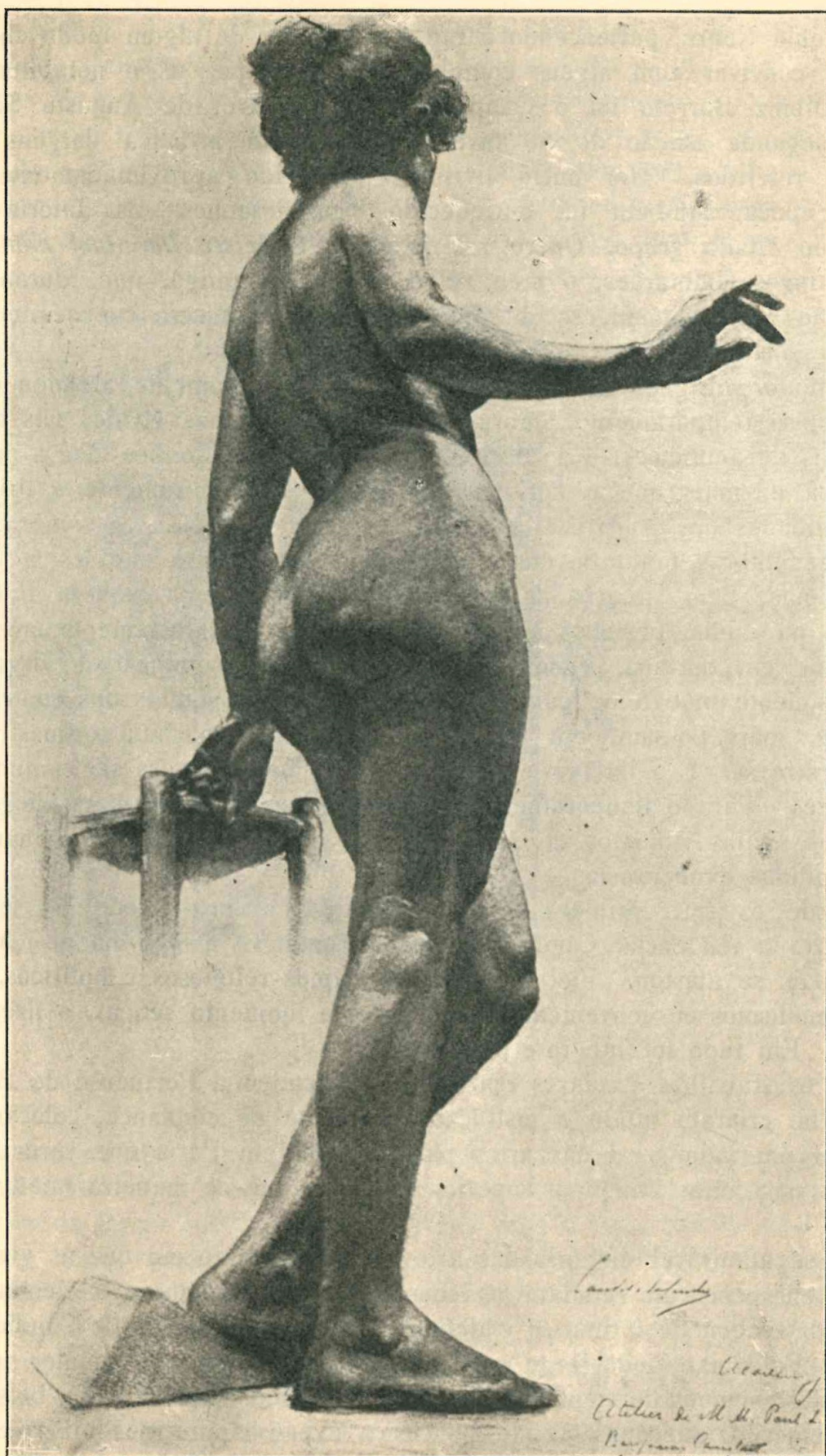
Ao seu feitio exigente e honesto muito deviam interessar as lições e sábios conselhos do grande Jean Paul. De resto, se a elegante sensibilidade do paisagista portuense estava mais próxima dum Júlio Breton ou dum Corot, não desconhecia ele as vantagens que pela vida fora lhe havia de trazer o melhor conhecimento da estrutura humana. Por essa razão lhe foi possível realizar, a-par de paisagens notáveis que verdadeiramente o glorificam, retratos e estudos de figura que o não diminuíram. Em todos por igual o mesmo princípio de simplificação, sentido a que, mesmo em esboços menos cuidados, jamais deixou de atender. Foi essa inteligente preocupação que muito contribuiu para o impor, dando aos seus crepúsculos o honroso lugar que a sua originalidade impunha.

O justificado anseio de visitar França e Itália e de, principalmente em Paris estudar, ainda há poucos anos nos mantinha no mesmo intenso fervor. Raro o que, após o início dos seus preparatórios, não alimentava o desejo e a esperança de abalar até Paris.

Cândido da Cunha fez parte do núcleo numeroso e distinto que naquele tempo se encontrava a estudar na grande urbe do pensamento e das artes. Pintores, escultores, architectos, médicos e advogados, em alegre e amigável camaradagem, ali se reuniam. O Bairro Latino era a zona preferida para se instalarem, para implantarem a sua tenda de sonhadores e de poetas. Nos cafés já havia lugares ou recantos preferidos pelos vários grupos, e onde, a horas mais ou menos certas, não era difícil encontrar os estudantes lusíadas.

O então jovem pintor pertenceu à pléiade notável dos Teixeira Lopes, Fernandes de Sá, Augusto Santo, Marques da Silva, Carlos Reis, Veloso Salgado, José de Brito, António Carneiro, Francisco Gouveia, Júlio Ramos, Eugénio Moreira, Adolfo Rodrigues, Ventura Terra, Adães Bernardes, etc..

Eça de Queirós, o artista diplomata, não vivia indiferente ao referido movimento. Pela sua hospitaleira casa de Neuilly passaram quâsi todos os citados. Duma dessas visitas, resultou o milagre da bem conhecida obra-prima, o *portrait-charge* do autor da «Correspondência de Fradique Mendes», que Francisco Gouveia num momento felicíssimo modelou.



ACADÉMIA DO NU

Carvão por Cândido da Cunha

António Nobre, pertencendo à mesma geração, de algum modo chegou ainda a conviver com alguns componentes do grupo. E o notabilíssimo crítico Moniz Barreto foi o companheiro inseparável de Augusto Santo.

A segunda edição do *Só* teve a colaboração artística dalguns dos pintores referidos. Um outro livrinho, aparecido aproximadamente na mesma época, também foi enriquecido com desenhos—da autoria dos moços do citado grupo. Quero referir-me a *O triste fim dum monstro*, de Domingos Guimarães, o meu velho e saúdoso amigo, que, durante a Exposição Internacional, se manteve na capital francesa ao serviço do Governo português.

O pintor insigne, sem a mínima hesitação, e sòmente atendendo ao seu formoso temperamento, debruçou-se sôbre os temas vividos nas horas tranqüilas do amanhecer e do declinar do dia, absorvendo-lhes tôda a beleza cromática e, mais que a côr, a sua vibração tôda sentimento e lirismo. As tonalidades que o Artista buscava nas grandes massas de sombra, nas vastas penumbras tanto da sua simpatia, aparentemente simples e quási monocromas, bem observadas, na realidade, são duma riqueza infinita. Cândido da Cunha pertence ao número dos raros que, justamente nos tons realizados em surdina, encontram maior e mais significativa vibração. É o eloqüente motivo de conseguir que as côres, distantes dos contrastes violentos, mais possam, em íntima concordância e perfeita orquestração vibrar entre si. É a lei perfeita da côr—que jamais deverá ser confundida com côres. Para o temperamento do Artista, que algumas vezes chegou a tentar os efeitos violentos do pleno sol, não iam de feição essas mais ou menos nítidas exuberâncias.

Desde os seus primeiros estudos, onde de certo modo já se lhe adivinhava a tendência, Cândido da Cunha manteve a legítima posição de que jamais se afastou. Fiel aos seus princípios religiosos e políticos, não houve modismos ou conveniências que por um momento sequer, o fizessem hesitar. Em tudo foi íntegro e perfeito.

Se os trabalhos escolares realizados na Academia Portuense de Belas-Artes lhe criaram nítido e justificado ambiente de confiança, colocando-o já como um valor real nas artes plásticas, foi em Paris que verdadeiramente a sua obra atingiu a superior categoria que de maneira imediata o impôs.

Nesse admirável empório das artes, num momento em que as grandes nações europeias ali reuniam os seus melhores elementos intelectuais e artísticos, acabou de formar-se e definir-se o singular espírito de Cândido da Cunha. Foi um período largo em que Portugal ali manteve o maior núcleo de artistas, homens de ciência e literatos. Pensionistas do Estado, bolseiros de beneméritos mecenas e não poucos a expensas próprias ali viveram. Foi por certo a grande época em que os novos do nosso País mais largamente na capital francesa se exibiram.

Para essa natural e salutar efervescência não pouco contribuiu a Grande Exposição Universal de 1900, que foi das maiores e das mais perfeitas paradas de forças intelectuais e artísticas que no mundo se têm realizado.

Ramalho Ortigão, um dos maiores e mais cultos críticos do seu tempo, confiante e vigoroso dava leis nas artes, demolindo com inteligência para construir com saber. Se à política e aos costumes portugueses dedicou o seu mais consciente e patriótico estudo, não menos apaixonado e sabedor



AGAR E ISMAEL NO DESERTO

Óleo por Cândido da Cunha

(Palácio Ducal de Vila-Viçosa)

foi no domínio das belas-artes e das artes decorativas, que sempre procurou conduzir, esclarecer e elevar. A acção do notável crítico como a de Fialho de Almeida foram sobremaneira benéficas para o País, não só pela maneira superior como actuaram no domínio das coisas públicas mas ainda pela elevação do nível obtido na vida mental portuguesa. Ramalho, para mais nitidamente se fazer ouvir e respeitar, para maior força e consistência dar às beneméritas e originais opiniões, juntava ao seu opulento temperamento crítico e à sua vastíssima cultura o amor das viagens que amiúde praticou. Num constante deambular pelo País e pelos centros mais distantes da Europa conseguiu conhecimentos e criou relações que muitíssimo contribuíram para dar à sua obra aquêlê estrutural poder de dignidade que ainda hoje e sempre

a impõe como do melhor que no género se tem produzido. São lições permanentes, perenes de vivacidade e de elevado sentido, aspectos admiráveis duma alma sã que se elevou engrandecendo a sua terra.

Portugal vivia um dos seus melhores ciclos. Os valores representativos sem perderem o contacto com os grandes centros de cultura, aproveitavam de cada um os elementos que mais pudessem beneficiar ou enriquecer a sua personalidade. A crítica exercida por Ramalho Ortigão criou benéficas raízes, depurou os costumes, aperfeiçoou e engrandeceu os caracteres. Vem a propósito as palavras de Óscar Wilde. O requintado artista, no seu belo livro *Opinions de Littérature et d'Art*, diz o seguinte: — «Um século isento de crítica ou melhor: um século em que a arte se imobiliza, se torna inerte e inexpressiva, enfermando da reprodução de tipos ou géneros convencionais, se não tem na sua frente uma crítica inteligente e honestamente dirigida é um século sem vida própria e, portanto, de funestas consequências futuras».

Cândido da Cunha dignamente viveu a sua cota parte desse período notável. De Paris irradiou por Finisterre, Pont-Croix e Morbihan, onde realizou muitos dos seus melhores trabalhos. O «Sagrado Viático» e «Dolmens» foram pintados em Finisterre. Com o primeiro destes quadros fez a sua entrada no «Salão» de 1898, obtendo do júri alta recompensa e da crítica largos e elogiosos incitamentos.

O *Jornal do Comércio*, de 25 de Outubro do mesmo ano, num artigo da autoria de Artur Lobo d'Avila, publicado sobre a epígrafe «Cândido da Cunha», em dada altura diz: «No comêço deste ano Cândido da Cunha voltou à Bretanha, e ali fez os estudos de paisagem para um grande quadro que intitulou: O *Viático*, o qual foi recebido no *Salon*, merecendo muito lisonjeiras apreciações da imprensa.

A *Revista Moderna*, que se publica em Paris, escreveu a seu respeito o seguinte:

«Ao defrontarmos com a tela de Cândido da Cunha vemos que estamos em frente dum forte e prometedor arcaboço de pintor cuja inspiração é nobre e fácil, em que o noivado da forma com o sentimento é íntimo e profundo e a pincelada vibra, estremece e chora com toda a personalidade do artista.

«O *Viático* é uma paisagem austera, duma poesia grave e doce. No primeiro plano duas figuras, o padre leva o viático, e o menino do côro, conduzindo a lanterna cuja chama pica a noite e se embebe, como filete de sangue, na treva. As figuras são apenas indicadas sem recorte nítido, sem projecções, e toda a intensa beleza poética da tela reside no drama natural, na luz e na sombra. No segundo plano, uma lua nascente avermelhada, banha campos e montanhas que se adivinham e perdem na noite, e ao longe sente-se uma povoação que palpita indecisa e vaga. Tão-pouca coisa, e no entanto é o infinito e a perfeição! O sentimento do mistério abre as asas sobre esta tela, ronda as figuras que mal revela, lateja nos algares da mon-

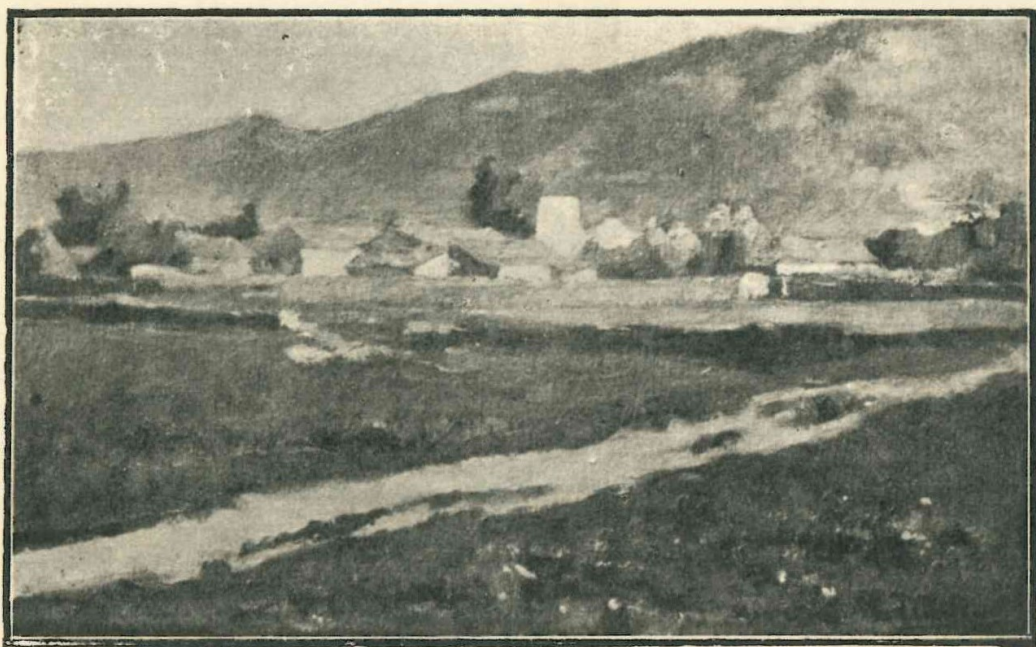


ÚLTIMOS RAIOS DE SOL

Óleo por Cândido da Cunha

tanha que mal contorna, palpita no luar, que mal abre e emerge sòmente, evocador, da sombra. *Viático* é um título mal achado; eu ter-lhe-ia chamado antes *Hino à noite*, que é o que realmente esta tela é.

«Cândido da Cunha reúne ao sentimento plástico o sentimento idealista, na sua factura larga, cursiva, vigorosa, perpassa com intensidade a poesia da natureza; o estabelecimento dos planos é perfeito; o toque firme e sólido. Esta noite azulada e doce em que repouso os olhos cansados de tantas efígies mundanas, da boriolagem gritante de tantas telas absurdas, só num artista bem português, poeta e duma raça de poetas, a poderia pintar. É preciso fixar



ALDEIA DE FÃO (MINHO)

Óleo por Cândido da Cunha

este nome, pois está aqui o estôfo dum grande paisagista que, com Sua Magestade El-Rei D. Carlos e Carlos Reis, constituirá já agora a trindade capaz de prosseguir a obra de Silva Pôrto e Marques de Oliveira, de interpretar com alma portuguesa a terra portuguesa. El-Rei D. Carlos é o poeta panteísta e trágico, alma de navegador das descobertas, para dizer a luta convulsa das ondas negras dos mares sinistros e para entoar hinos à vida, à hora em que as fanfarras do sol pelo alto azul cantam a fremente epopeia da luz. Carlos Reis é o pincel nervoso e cálido, cheio de fogosidades e esbraseado de côr; Cândido da Cunha, a alma de elegia e lirismo que prefere as horas bemolizadas da melancolia e ternura, alvas que põem no azul tremuras de sangue e de amarilis, entardeceres brandos, crepúsculos macios, noites lacrimosas em que o luar chora rosas.»

O *Viático* foi desde logo considerado a sua obra-prima, passando imediatamente o nome de Cândido da Cunha à legítima plana dos primeiros paisagistas portugueses. Dessa obra magnífica apenas hoje existe no Museu Nacional de Soares dos Reis um estudo de pequenas dimensões, adquirido na Exposição póstuma que um ano após o falecimento do Artista, os seus amigos e admiradores levaram a efeito no Salão Silva Pôrto. Êsse interessante e delicadíssimo esboço destinava-se, com outros elementos, que o seu autor por felicidade ainda possuía, a uma reconstituição do grande quadro que, como «Dolmens» e «Papóilas» para sempre se havia perdido no infeliz



MOINHOS

Óleo por Cândido da Cunha

naufrágio do *Sant' André*. Êste barco, como é sabido, naufragou no alto mar quando regressava a Portugal, transportando muitas das melhores peças da arte portuguesa que haviam figurado na grande Exposição Internacional de Paris. De algumas dessas preciosidades nem simples fotografias nos restam.

Em fins de 1898 o então já ilustre Artista regressava a Portugal onde continuou um novo ciclo de trabalhos. Durante cêrca de nove anos quâsi ininterruptamente trabalhou. Nos arredores de Barcelos, sua terra natal, e em Águeda procurou e encontrou os motivos que o seu temperamento elegia. Mas se as águas tranqüilas e espelhantes engastadas nos grandes maciços de verdura da Barca-do-Lago o chamavam e seduziam, por certo em Águeda êle encontrou os motivos e a luz que a sua alma de Artista buscava para a

série admirável de poemas crepusculares que magistralmente realizou. Na simplicidade destas regiões jamais o Pintor ilustre deixou de ter os motivos preferidos pela sua alma sentimental de poeta. A luz quente dum céu diluído em topázios apalescentes e vermelhos rubros, contrastando com o verde sombrio dos paúis, davam ao Pintor os harmoniosos temas que êle numa ânsia nobilíssima de insatisfeito, fazia e refazia ; quantas vezes! em matérias diferentes até atingir a elevada e perfeita harmonia que para o seu trabalho procurava.

Certamente o milagre não teria realidade se tão singelos elementos não surgissem impregnados duma outra luz — aquela que dimanava do próprio espírito do Artista. O seu olhar triste e distante bem cedo se afeiçoara às grandes penumbras crepusculares e aos nocturnos de profundo e enigmático silêncio.

Na época em que viveu Cândido da Cunha não foram poucos os poetas e pintores que a êstes temas deram acolhimento. Lá fora, principalmente em França onde estudou e acabou de formar o seu espírito, notáveis cultores dêsse género e de temperamento afim, lhe serviram de guias espirituais. Entre nós não faltaram também sensibilidades que, uma vez, ou outra, acarinhavam as nostálgicas horas do anoitecer. Todavia, Cândido da Cunha marcou, entre todos, um nítido lugar à parte. O facto de se ter servido dos mesmos efeitos e de idênticos motivos não impediu de se manter íntegro e pessoal.

O próprio António Nobre não deixou de os cantar na toada plangente do seu admirável lirismo, dando-nos entre outras a impressionante composição :

Outono. O sol, qual brigue em chamas, morre
Nos longes d'agua... Ó tardes de novena!
Tardes de sonho em que a poesia escorre
E os bardos, a cismar, molham a pena!

.
Tardes de Outubro! ó tardes de novena!
Outono! Mês de Maio, na lareira!
Tardes...

Lá vem a lua, *gratiæ-plena*,
Do convento dos Céus, a eterna freira!

Cândido da Cunha, numa inteligente e bem sentida sobriedade de motivos e de processos pictóricos, sabia como só os raros conseguem envolver em gamas de sonho e de mistério o drama reprimido, sentimental, da sua elegante e fina sensibilidade. A luta travada em silêncio consigo próprio para atingir tão elevado grau de perfeição não deixa de impressionar e comover. O Artista, honesto e convictamente prêso aos princípios de Arte a



UM TRECHO DE PROCISSÃO

Óleo por Cândido da Cunha

quem bem cedo a sua alma juvenil se entregara e o convívio parisiense dera maior estabilidade e consistência, jamais abandona a dura tarefa que a si próprio impusera. ! Quanta dor sofrida no isolamento voluntário do seu atelier ! ; Quanta injustiça e quanta afronta recalcadas !

E o Pintor, insatisfeito sempre, mas cōscio do alto dever cumprido, continua a marcha heróica da sua batalha de sombras no clarão rubro da sua alma apaixonada. Essa luta repassada de nobreza manteve-se dignamente até aos últimos momentos da sua vida. Mas a traiçoeira e atroz doença a nenhuma espécie de tratamento cedia; e o Artista, reagindo mais do que as suas débeis forças lho permitiam, enfrentava-a inútilmente, inglòriamente.

A essa angústia cruciante algumas vezes assisti.

Cândido da Cunha nas conversas, que durante certas tardes tivemos na simplicidade recatada do seu *atelier*, difficilmente podia ocultar a tristeza que lhe ia na alma. O seu olhar já meio amortecido denunciava, traduzia de maneira impressionante a quási nenhuma esperança de salvar-se. O homem sentia que o seu fim se aproximava irremediavelmente; mas o Artista, êsse é que não podia habituar-se à idéia do seu próprio aniquilamento. Eram então os momentos mais dramáticos, mais aflitivos e pungentes. A luta travada entre o homem e o Artista, longe de ser veemente, era tōda contida, tōda resignação. Naquela máscara cada vez mais sêca e emaciada, onde apenas os olhos maninham um resto do seu antigo fulgor, adivinhava-se a torturante amargura do vencido. Mas a doença dominadora e brutal não se compadecia das imponderáveis exigências do espírito. Essa legítima ansiedade de viver mais um tempo, de necessitar — como dizia — ainda duns anos de vida para, ao menos, realizar uma parte do ciclo final da sua obra que antevia e considerava a razão mais alta do seu sonho de Artista, não lograva sobrepor-se à doença, o que de algum modo lhe desorganizava os nervos e mais angustiosas lhe tornava as horas de isolamento a que voluntariamente se entregara. Nem a sua ardente fé religiosa lhe valera !

Morreu pensando ainda na realização futura do seu grande e último plano. Sonho fugaz e enganador que, apesar de tudo, até o fim lhe manteve o espírito prêso a uma grata idéia — por certo o lenitivo que mais docemente o embalou.

JOAQUIM LOPES.

biblioteca
municipal
barcelos



54913

Cândido da Cunha

(E
75
LC